



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à Rádio FM Vale do Xingu**

**Altamira-PA, 22 de junho de 2010**

**Jornalista:** Muito bem, Denise Lima. Bom dia, mais uma vez, aos amigos ouvintes da Rádio Vale do Xingu FM. Neste exato momento, a gente começa, então, conversando com o excelentíssimo senhor Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Também está aqui a governadora do estado, Ana Júlia Carepa. Demais autoridades presentes, o nosso bom dia. Bem-vindos a Altamira, bem-vindos à Transamazônica e a esta Amazônia querida.

Excelentíssimo senhor presidente Lula, em primeiro lugar, bem-vindo a Altamira, bem-vindo à Transamazônica. Agora falando através da Rádio Vale do Xingu FM para esta região, este povo lhe agradece pela disponibilidade de vir até a nossa querida Altamira, à Transamazônica, como um todo. Nosso bom dia, bem-vindo, Presidente.

**Presidente:** Bom, primeiro eu quero te cumprimentar, Toninho, e dizer que é um prazer imenso estar outra vez no estado do Pará falando com os ouvintes da Rádio FM Vale do Xingu. Estou aqui junto com a nossa querida Governadora e junto com o nosso ministro de Minas e Energia, Márcio Zimmermann, além do ministro Franklin Martins, da Comunicação, e além do nosso companheiro, presidente da Funai.

Estamos aqui para um conversa franca e aberta, Toninho, e estou a tua disposição.

**Jornalista:** Muito bem. Excelentíssimo senhor Presidente, quase oito anos de governo, uma reestruturação histórica na economia brasileira, popularidade do Brasil também em alta, e o senhor, também, se destaca como uma grande



liderança em nível mundial. A que se deve tudo isso?

**Presidente:** Eu penso, Toninho, que se deve ao trabalho sério que nós estamos fazendo no Brasil nesses oito anos. Toninho, não existe hipótese de um país se respeitar... de um ser humano se respeitar ou ser respeitado, lá fora, se ele não se respeitar. As pessoas precisam trabalhar com muita seriedade, fazer as coisas corretas para que a gente vá angariando respeito das pessoas de outros países, e acho que o Brasil vive um momento muito.

Eu fico muito orgulhoso de saber que um estado como o Pará, no último Caged, foi o estado que mais gerou empregos no Brasil. Significa o quê? Significa que as coisas começaram a andar num ritmo tão extraordinário, que nós só temos que deixar a caminhada prosseguir sem tentar atrapalhar coisíssima nenhuma.

Você sabe que os investimentos no Pará, que vão acontecer, são importantes. A hidrelétrica de Belo Monte é um investimento de praticamente R\$ 19 bilhões, o que não é pouca coisa para um estado como o Pará; vai gerar milhares e milhares de empregos, além de gerar milhares de possibilidades de novos investimentos por conta da siderúrgica. Você sabe que a energia é um dos componentes prioritários para motivar o investidor a investir em uma cidade, em um estado ou em um país. Você sabe que nós estamos brigando, eu e a Ana Júlia, pelo menos há alguns anos, para que a gente consiga trazer para cá uma siderúrgica.

**Jornalista:** Certo.

**Presidente:** Graças a Deus, nós conseguimos fazer com que a siderúrgica... já está num processo de terraplanagem. Hoje eu vou a Marabá visitar o trabalho junto com a Governadora e junto com o Roger Agnelli. Por detrás de uma siderúrgica, você pode trazer uma indústria metal-mecânica, você tem que



fazer um porto, daqui a pouco mais outro porto, e daqui a pouco vai acontecer uma coisa excepcional para o estado do Pará: é que o estado do Pará não vai ser apenas mais exportador de matéria-prima, exportador de minério de ferro, de bauxita. Não. O Pará vai se transformar em um estado exportador de produtos com alto valor agregado porque vai industrializar parte da riqueza que existe no Pará. Isso é uma coisa maravilhosa.

Então, eu estou muito satisfeito de estar aqui, hoje, no Pará, com a minha amiga e companheira Ana Júlia, e ir lá dizer ao povo do Pará, lá em Altamira, que Belo Monte é uma coisa extremamente importante para o estado do Pará, sobretudo com o compromisso que nós temos, de que parte da energia deve ser utilizada para gerar desenvolvimento no estado do Pará.

**Jornalista:** Presidente, o senhor falou em energia, não é? Eu vou começar, então, perguntando para o senhor, em partes, sobre esse PAC, que é o projeto, então, que o senhor encabeçou aqui no Brasil e que tem dado certo. Por exemplo, o Luz para Todos. A gente sabe que aqui nesta região, região nossa aqui, ainda existem alguns lugares, algumas comunidades distantes – como a região do Asuriní, por exemplo, dentre outras – que ainda não têm energia e que passam por uma questão estrutural ainda muito séria. A gente pergunta para o senhor: o programa Luz para Todos realmente vai chegar para todos nesta região?

**Presidente:** Olhe, já era para ter chegado. Vamos assumir aquilo que nós temos de culpa, aquilo que nós fizemos de bom e aquilo que não foi possível fazer. Nós tínhamos um compromisso assumido em 2004, que era o de atender aquilo que estava nos cálculos do IBGE, que eram 2 milhões de famílias que não tinham energia elétrica no Brasil. Nós começamos com o programa Luz para Todos, em 2004. Quando nós chegamos em 2009, nós conseguimos atingir os 2 milhões que estavam no IBGE. O que aconteceu? O que aconteceu



é que nós descobrimos, quando fomos a campo, mais praticamente 1 milhão de famílias além daquilo que estava nas estatísticas do IBGE, e assumimos o compromisso de continuar fazendo o programa Luz para Todos.

Eu penso que nós vamos cumprir praticamente 85% daquilo que nós nos propusemos a cumprir e vai ficar um restinho para depois, porque agora está ficando cada vez mais difícil, porque está ficando cada vez mais longe. Só para você ter ideia, nós estamos, agora, utilizando em, algumas regiões da Amazônia, poste de lã de vidro, porque ele pesa apenas 130 quilos, é mais leve. Um poste de madeira pesa 390 quilos, um poste de concreto pesa uma tonelada. Então, nós estamos, agora, tentando facilitar para ver se a gente consegue implantar.

Mas eu vou dar um dado, depois eu vou dar a palavra aqui, para o ministro Márcio Zimmermann, porque eu vou ser seu parceiro aqui, na entrevista com o Ministro.

**Jornalista:** Certo. À vontade, Presidente.

**Presidente:** Eu vou passar a palavra para o Márcio Zimmermann. Mas deixa eu lhe contar uma coisa: nós já atendemos, nesse período, 11 milhões e 900 mil pessoas. E temos, e temos... E aqui, no estado do Pará, foram 1 milhão e 300 mil pessoas atendidas e nós temos contrato para atender 1 milhão e meio de pessoas.

O dado concreto é que nós estamos trabalhando... nós tivemos problemas em alguns estados da região Norte. Nós tínhamos as empresas de energia elétrica federalizadas e era uma confusão tremenda, porque quem administrava a empresa era o governo, mas quem indicava as diretorias das empresas era o governo do estado, e depois não funcionava corretamente. Eu tive que chamar, em 2009, os governadores e dizer: olhe, ou vocês ficam com as empresas ou nós ficamos com as empresas e colocamos para funcionar. E



as empresas, então, começaram a funcionar, e nós estamos, agora, trabalhando a todo vapor para que o programa Luz para Todos seja aquilo que o povo brasileiro necessita. Nós não queremos ter nenhum candeeiro a mais neste país. Candeeiro tem que ser guardado na prateleira como uma peça de museu para a gente lembrar que um dia a gente pode precisar em época de intempéries, mas nós haveremos de apagar o último candeeiro deste país.

Mas eu acho importante, Toninho, que o ministro Márcio Zimmermann dê uma palavrinha sobre o programa Luz para Todos, afinal de contas é dele que você e eu vamos cobrar daqui para frente.

**Jornalista:** Com certeza. Ministro, então, fique à vontade. A gente gostaria de saber, então, como é que está esse projeto, como é que estão esses detalhes aí que o nosso povo, aqui, na Transamazônica, está precisando de uma resposta.

**Ministro Márcio Zimmermann:** \_\_\_\_\_

**Jornalista:** Está certo. Muito obrigado, Ministro. Presidente Lula, vamos falar também da questão da Transamazônica e, precisamente, falando do asfaltamento. O senhor sabe que desde da abertura da Transamazônica, na época do Médici, e até hoje, este povo tem sofrido demais aqui com a questão de estrada, essa questão estrutural eterna que temos aqui. Eu quero lembrar o seguinte: a gente teve aqui, no finalzinho do governo do Fernando Henrique Cardoso, por exemplo, a esperança reacendida quando se falou em asfaltamento, até colocou algumas máquinas na estrada, e assim por diante. Depois, o seu governo falou justamente em asfaltar a Transamazônica. Tivemos o início da obra, que foi de Altamira até Medicilândia, ela paralisou, e agora a gente sabe que há intenção de asfaltar toda a Transamazônica, de uma vez por todas. Como vai se dar isso, Presidente?



**Presidente:** Olha, deixe eu lhe falar uma coisa. Muitas vezes, nós vemos a notícia de uma obra paralisada, e, muitas vezes, a gente não consegue sequer explicar por que uma obra está paralisada. Você sabe que hoje nós temos vários órgãos de fiscalização que, às vezes, no cumprimento do seu dever, fiscalizam uma obra, desconfiam que tem alguma coisa errada, para aquela obra. Às vezes, nós levamos seis ou sete meses para desobstruir, daqui a pouco fica provado que a obra não tinha nenhum problema, e não tem quem assuma a responsabilidade pelos meses de obra paralisada no Brasil. É assim e, democraticamente, nós vamos continuar governando.

Agora, veja o que está acontecendo, na verdade. O PAC, no Pará, é um PAC que tem R\$ 12,1 bilhões de investimentos em todo estado do Pará até o ano de 2010. Nós já concluímos uma parte da BR-163, uma pavimentação, que foi uma parte pequena. Nós estamos comprometidos com a BR-163 ainda... hoje tem mais de 600 quilômetros dela, em vários trechos, trabalhando. Nós estamos preocupados com a BR-230, que já está em licitação a BR-230 – construção e pavimentação na divisa do Pará com Tocantins, Marabá-Altamira, Medicilândia-Rurópolis. São 967 milhões de investimentos, dos quais 307... 308 milhões até 2010, que são do Orçamento Geral da União, e nós ainda temos que concluir a licitação... aliás, já foi concluída a licitação entre o Km 283 e o Km 728 – Medicilândia –, trecho até [o Km] 643 – só depende da anuência da Funai – e nós achamos que vai ficar tudo pronto para começar a funcionar a todo vapor a partir de ... ou ainda este ano, a partir de janeiro de 2010, começar a funcionar a todo vapor... de janeiro de 2011.

De forma que... eu penso que nós temos que ter consciência de que o tratamento que nós estamos dando ao estado do Pará e aos estados do Norte é na perspectiva de recuperar este país, como um todo, para não permitir que a gente continue com o Norte e com o Nordeste atrasados em relação ao Sul e Sudeste. É por isso que nós estamos fazendo esses investimentos, para ver se



a gente consegue, definitivamente, daqui a alguns anos, ter um Brasil mais igual, mais justo e mais solidário.

Agora você pode falar... Agora eu vou entrevistar a Governadora.

**Governadora Ana Júlia:** \_\_\_\_\_

**Jornalista:** Está certo. Obrigado, governadora Ana Júlia Carepa.

Presidente, Belo Monte, esse fardo que esta região tem tentado tratar, com várias discussões, e a gente está diante da Presidência da República, agora, querendo saber: Belo Monte vai sair do papel? Como é que fica... Como é que estão sendo tratadas pela Presidência essas questões, por exemplo, das opiniões contrárias, os movimentos que também querem preservar e querem produzir? Como fica essa relação, Presidente?

**Presidente:** Olhe, Toninho, eu acho que essa pergunta é a pergunta mais pertinente e mais oportuna para o momento. Belo Monte é um projeto pensado, arquitetado, trabalhado, estudado há 30 anos. Nós, então, quando assumimos o governo, resolvemos tomar a atitude de retomar Belo Monte, refazer o projeto, fazer um projeto que seja condizente com as perspectivas ambientais, que a gente possa garantir que o estado do Pará possa receber esses investimentos e, ao mesmo tempo, que a gente possa mostrar ao mundo que nós somos capazes de continuar produzindo energia elétrica limpa através das hidrelétricas, que somos capazes de preservar o meio ambiente e, sobretudo, de ter políticas sociais condizentes com as aspirações do povo que mora na região, sobretudo os índios e os ribeirinhos.

É por isso que no projeto nós temos praticamente R\$ 4 bilhões e 200 milhões para cuidar da questão ambiental e para cuidar da questão social. O que nós precisamos, e é um conselho que eu dou aos companheiros que se manifestam contra Belo Monte, é, em vez de serem pura e simplesmente



contra, vamos ajudar, que a partir de Santo Antônio e Jirau, lá no rio Madeira, e a partir de Belo Monte, a gente construa um novo modelo de hidrelétrica no Brasil que possa fazer as reparações dos descasos que foram cometidos nos anos 50, nos anos 60 ou nos anos 70. Porque nós não queremos a hidrelétrica para nós. A hidrelétrica é para o Brasil, é um benefício para este país. Hoje a hidrelétrica não vai ter mais o lago que ela ia ter. Antigamente você tinha que ter um lago muito grande. Hoje é uma hidrelétrica a fio d'água. Significa que o máximo que ela vai ter de água é a enchente do rio. Significa que essa hidrelétrica vai ser uma hidrelétrica totalmente diferente daquelas a que a gente estava habituado a ver, e é isso o que as pessoas precisam compreender.

Ora, nós estamos hoje discutindo a questão do clima no mundo inteiro. O Brasil assumiu o compromisso, em Copenhague, no ano passado, lá na Dinamarca, de que nós vamos reduzir o desmatamento na Amazônia em até 80% até 2020. Nós vamos diminuir a emissão de gases de efeito estufa, de 36 a 39,1%. É a maior... o maior compromisso de um país, assumido em Copenhague, de todos os países do mundo que estavam lá. Ora, a energia hidrelétrica feita com o potencial das águas que nós temos, é a mais limpa energia do mundo. As pessoas falam: "Mas por que é que não faz eólica?". Porque a eólica ainda é muito cara e ela não é constante como a hídrica. "Por que é que não faz a biomassa?" Nós estamos fazendo, mas ainda não atende, porque a biomassa você tem que fazer, ou de bagaço de cana-de-açúcar, ou você tem que cortar a floresta para utilizar madeira; ou você faz de óleo diesel, o que é muito poluente; ou faz termelétrica de carvão, que é muito poluente; ou faz de gás, coisa que nós não temos ainda o suficiente. Então, a hídrica é uma das energias mais limpas do mundo.

Então, o que nós queremos é a compreensão das pessoas, porque nós já fizemos muitas reuniões com a comunidade. Eu fiz esse debate, agora mesmo, junto com os índios, em Brasília. Eu penso que nós não estaremos nos negando a debater em qualquer fórum, em qualquer espaço do mundo, mas



nós não podemos prescindir de que o Brasil tenha um avanço, e sobretudo que o Pará tenha um avanço. O Pará não pode, no século XXI, continuar sendo um mero exportador de minério de ferro. O Pará precisa se industrializar para trazer para cá indústrias de ponta, indústrias modestas [modernas], que vão transformar a riqueza que tem o Pará.

Eu, sinceramente, sinceramente, já conversei com muita gente que é contra e os argumentos são muito escassos. Ninguém tem mais interesse em preservar o estado do Pará, a Amazônia e as nossas águas do que eu. Ninguém tem mais interesse. Até porque é um compromisso de honra deste país ter a questão ambiental como um patrimônio do povo brasileiro. Agora, o que nós vemos, muitas vezes, pelo mundo afora são países que não têm mais uma árvore, cortaram tudo, se desenvolveram, e querem que o Brasil não se desenvolva. Aí não dá para aceitar, em hipótese alguma.

É por isso que nós vamos fazer Belo Monte com o maior cuidado. Eu quero que a comunidade participe, eu quero que a comunidade comece a discutir qual é o papel dos índios nessa hidrelétrica, qual é o papel dos povos ribeirinhos nessa hidrelétrica, qual é o ganho de cada cidade. É só ir a Itaipu para a gente ver o que aconteceu nas cidades em volta de Itaipu, qual foi o progresso da região.

Então, eu penso que nós estamos na fase de aproveitar esse momento extraordinário e auspicioso que vive o Brasil, para a gente fazer as coisas melhor, de forma mais eficaz. Em vez de apenas ser contra, é como fazer melhor, como tirar proveito disso, como fazer com que o povo pobre ganhe, como fazer com que o estado se desenvolva, e é isso que nós estamos querendo fazer aqui. Eu quero agradecer, inclusive, o apoio da nossa governadora Ana Júlia, que tem sido uma parceira extraordinária na construção de Belo Monte.

**Jornalista:** Senhor Presidente, vamos falar das eleições. Daqui a pouco



começa mais uma campanha eleitoral neste país. Eu queria saber do senhor como o senhor vê essa campanha eleitoral e como é que o senhor vê o próximo mandato, independente de quem entre lá [para] administrar um país igual ao Brasil, pós-Lula.

**Presidente:** Olhe, eu, primeiro, acho que quem vier depois de mim vai pegar o Brasil infinitamente melhor do que eu peguei. Você veja, os dados sobre emprego são extraordinários. Ontem, os cálculos de maio demonstraram que nós criamos quase 290 mil empregos no mês de maio, que é o recorde de toda a série histórica do Caged. Já chegamos, em cinco meses, a 1 milhão e 200 e poucos mil empregos. Enquanto o mundo inteiro está desempregando, no Brasil nós estamos criando muitos empregos. Acho que o Brasil só perde para a China porque lá, também, tem 1 bilhão e 300 milhões de habitantes.

Mas, o momento do Brasil é muito importante e acho que a eleição vai se dar num momento muito rico, de crescimento econômico, de estabilidade, de controle da inflação, de geração de empregos, de distribuição de renda, de inclusão social, como jamais foi visto neste país. Agora, eu sempre trabalho com a ideia de que nós podemos fazer mais, e para isso precisamos trabalhar mais. Então, eu penso que será um processo eleitoral tranquilo. Acho que o povo quer continuidade das coisas que estão acontecendo no país, porque o povo percebe que é uma chance extraordinária de melhorar, definitivamente, a vida do povo.

Você imagine uma coisa, Toninho. Eu vim do movimento sindical. Deixar a Presidência da República, sabendo que no meu mandato de oito anos 90% dos sindicatos fizeram acordo com ganhos de aumento real de salário, é uma coisa, para mim, extraordinária. Saber que enquanto o mundo passa por uma crise de desemprego muito grande, o Brasil vai gerar, no meu mandato, 14 milhões de empregos com carteira assinada, é uma coisa que dá tranquilidade a quem vier depois de mim. A pessoa vai poder fazer muito mais do que eu



porque a máquina está mais azeitada, porque a primeira capinagem nós já fizemos, a terraplanagem nós já fizemos. Agora a pessoa só tem que construir o futuro com muita facilidade.

**Jornalista:** Presidente, a Vale do Xingu – rede de rádio e TV Vale do Xingu – agradece por esta disponibilidade, por esta simplicidade de estar conversando com este povo, e eu quero dizer, com muita tranquilidade: nós temos gente, aí, distante daqui, em locais de difícil acesso para esta região, que está nos ouvindo neste momento; gente até dentro da mata, por aí, nesses (incompreensível) de assentamento, nos ouvindo. Eu queria encerrar este bate-papo aqui, perguntando para o senhor qual seria a grande mensagem do Presidente da República para este povo.

**Presidente:** Olha, a minha mensagem para o povo brasileiro é que o povo precisa manter a esperança, a autoestima, porque as coisas vão acontecer no Brasil. Você está lembrado, Toninho, que quando eu tomei posse eu disse, no dia 1º de janeiro, três coisas: primeiro nós vamos fazer o necessário, depois nós vamos fazer o possível e depois, então, nós poderemos fazer até o impossível. Eu acho que as coisas estão acontecendo. Obviamente que você não consegue mudar a história de um país de 500 anos em oito anos. Tem um processo de mudança e nós achamos que ainda ele é longo, mas eu penso que as coisas... é o seguinte: todos nós, todos nós aprendemos a caminhar, e eu não tenho dúvida nenhuma de que o Brasil se transformará numa grande nação econômica. Acho que nos próximos dez anos nós poderemos ser a quinta economia do mundo, a quarta economia do mundo.

Quanto mais o mundo precisar comer, mais o Brasil crescerá porque o Brasil é o que tem terra agricultável em maiores condições do que todos os países, sem terremotos, sem neve, sem... De vez em quando, Deus faz acontecer uma coisinha, nessas mudanças do tempo, aí, uma enchentezinha,



que é para a gente saber que Ele existe, está ali, olhando para ver se a gente faz as coisas certas. Mas, dizer ao povo que mantenha a esperança porque o Brasil não tem volta. O Brasil vai... e todos nós vamos ganhar com isso.

**Jornalista:** Muito obrigado, Presidente, obrigado a todos, à comitiva – Governadora, ministros –, bom evento para todo mundo. A Vale do Xingu, então... se desfaz aqui esta transmissão, agradecendo ao povo e aos nossos ouvintes também que estão nos assistindo... estão nos ouvindo neste momento. A gente agradece, e vamos lá, vamos acompanhar este dia maravilhoso que é hoje, para Altamira, muito histórico mesmo, um dia histórico. Muito obrigado, Presidente.

**Presidente:** Obrigado a você, Toninho.

(\$31DHJLP)